

MUSEU : BIBLIOTECA

Data publicação

Diário Grande ABC:
Coluna Memória

Folha para Hemeroteca

22/9/88

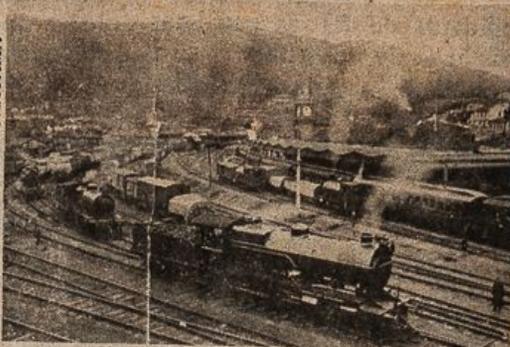
Cl:

Assunto:



Lá vai a locomotiva

Reprodução-Alberto MURAYAMA



João Ferreira e Paranapiacaba, com base no relato de seu livro, inédito e importante. Hoje ele fala dos trens. E destaca a limpeza e organização.

Havia a primeira e segunda classes. Os filhos de funcionários e estudantes tinham passes livres na primeira classe. Os vagões de primeira destacavam-se pelos assentos, construídos em palha trançada. Na parte superior eram forrados com pano branco, como uma fronha. Quando alguém, por descuido ou outro motivo, não conservava a fronha limpa, era advertido pelos funcionários ou mesmo passageiros. A advertência era naturalmente acatada.

As locomotivas primavam pela limpeza. Equipe cuidava disso. Os laterais não ferrosos, como bronze, cobre e alumínio, estavam sempre brilhando. Maquinista e foguista, que operavam as locomotivas, exigiam limpeza.

O combustível utilizado era, em princípio, carvão mineral. Na Segunda Grande Guerra o carvão foi substituído por lenha. A

mudança foi muito comentada, inclusive pelo pai de Ferreira, que era maquinista.

A lenha, mais fraca que o carvão, exigiu algumas mudanças. Cada locomotiva ganhou dois novos vagões, com laterais altas para sustentar a lenha suficiente para uma viagem, de Paranapiacaba a São Paulo. Toda a lenha era consumida numa única viagem. A princípio a lenha era utilizada só nos trens de carga. Depois foi incluída nos trens de passageiros. Isto exigiu mais ajudantes, além do foguista, para o transporte de lenha do vagão para a fornalha da locomotiva.

A foto é dos anos 30. Mostra a estação de Paranapiacaba e o pátio de manobras. Pertenceu a Benedito de Oliveira, foi de seu filho Aristides de Oliveira (coordenador de operários da estrada) e hoje está guardada no Centro de Preservação Cultural de Santo André.